

6

A Importância da Assistência Estudantil para o Estudante Bolsista

Na UFRJ, a assistência estudantil tem sido reconhecida pelas bolsas de apoio financeiro, destinada aos estudantes oriundos de camadas populares. A experiência empírica demonstrou que, para esses alunos, o auxílio financeiro proporcionado por essas bolsas é indispensável para a sua permanência.

Conforme já explicitado, alguns cursos reúnem um quantitativo bastante significativo de alunos bolsistas da assistência estudantil, e esta é uma realidade que vem se reproduzindo há vários anos. Ainda assim, esse segmento de alunos jamais foi alvo de pesquisas⁴⁶, o que denota o grau de desinteresse e preocupação que o tema sempre despertou em nossos pesquisadores e, porque não acrescentar, nos segmentos da universidade de forma geral.

Ao contrário de algumas universidades que tem núcleos de pesquisas voltados aos vários segmentos de alunos e egressos, a UFRJ não tem qualquer produção científica que possa subsidiar nosso trabalho.

Assim, a análise aqui apresentada tem o objetivo de propiciar elementos que contribuam para esclarecer de que forma a assistência estudantil, como auxílio financeiro, contribui na trajetória acadêmica do estudante. Com isso pretendemos ampliar a compreensão sobre os fatores que interferem na trajetória desses bolsistas, e fornecer subsídios para que o benefício possa estar mais adequado ao objetivo a que se propõe: a permanência e conclusão de curso com qualidade.

⁴⁶ Consideramos importante pontuar que a Escola de Serviço Social é uma das unidades que tradicionalmente reúne um expressivo número de bolsistas. Apesar desse dado, até o momento, não houve interesse em direcionar suas pesquisas a esses segmentos.

6.1 A Pesquisa

Optamos por concentrar o foco de nosso estudo na Bolsa Auxílio, por reunir um número maior de bolsistas. Definimos que o ano de 2008 seria o recorte mais adequado. Optamos pelos alunos que, além de terem sido selecionados para a referida bolsa nesse ano, também eram ingressantes na UFRJ, no mesmo período. Dessa forma, os alunos que participaram da pesquisa estão cursando os últimos períodos de sua graduação, o que possibilitou uma melhor análise de sua trajetória acadêmica.

A partir desse recorte, nossa referência foi o universo de 216 alunos⁴⁷. Um dado que merece ser ressaltado é que mantivemos contato com por telefone e email com cerca de 30 alunos. Destes somente os dez entrevistados concordaram em participar. Os demais alegaram envolvimento com provas e entrega de trabalhos que, com a proximidade do final do período letivo, sofreram acúmulos.

Assim, realizamos entrevistas semi estruturadas com esses dez 10 alunos, escolhidos de forma aleatória, de acordo com os Centros Acadêmicos, conforme distribuição da tabela abaixo:

Quadro 4- Alunos entrevistados por Centros Acadêmicos

Centro de Filosofia e Ciências Humanas	02
Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza	02
Centro de Ciências da Saúde	02
Centro de Letras e Artes	02
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas	02

A forma escolhida para a coleta de dados foi determinante para que os alunos pudessem falar de forma livre, mantendo a dinamicidade característica de cada relato, sem que o foco da entrevista fosse desviado. Quase em sua totalidade o conteúdo dos

⁴⁷ Deste universo de bolsistas, 58% estão nos cursos de Letras, Pedagogia, Serviço Social e Licenciaturas diversas. Os 42% restantes estavam distribuídos pelos demais cursos. Cabe reafirmar que, no ano de 2008, o acesso à UFRJ era unicamente através de vestibular.

relatos definiu, de forma muito rica, a essência que permeia a trajetória desses estudantes não só no que diz respeito à vida acadêmica mas no sentido mais amplo de sua existência. Esses relatos demonstraram que o espaço conquistado por esses alunos e a forma como vivenciam essa experiência é bastante complexa e, muitas vezes transcende a nossa percepção e entendimento. A importância desses encontros certamente ultrapassou os objetivos traçados para o estudo quando promoveu um momento profissional e mesmo pessoal único, já que na execução rotineira de nosso trabalho muitas vezes as questões mais fundamentais não são plenamente exploradas.

Para dar mais organicidade e facilitar a apreensão, procuramos ordenar os relatos seguindo a estruturação do roteiro de entrevistas, o que só foi possível a partir da transcrição das mesmas. Entretanto, a sutileza da emoção que permeou, em especial algumas entrevistas, não poderá ser compartilhada.

6.2

O Perfil dos Alunos

Dos alunos entrevistados, 7 eram do sexo feminino e 3 do masculino. Em sua maioria os alunos eram solteiros, sendo apenas 1, casado.

Quanto à questão racial, as opiniões se dividiram entre parda\preta e branca, porém 60% dos alunos se auto identificaram como pardos e pretos. (Gráficos abaixo)

Gráfico 1- Número de entrevistados segundo a cor

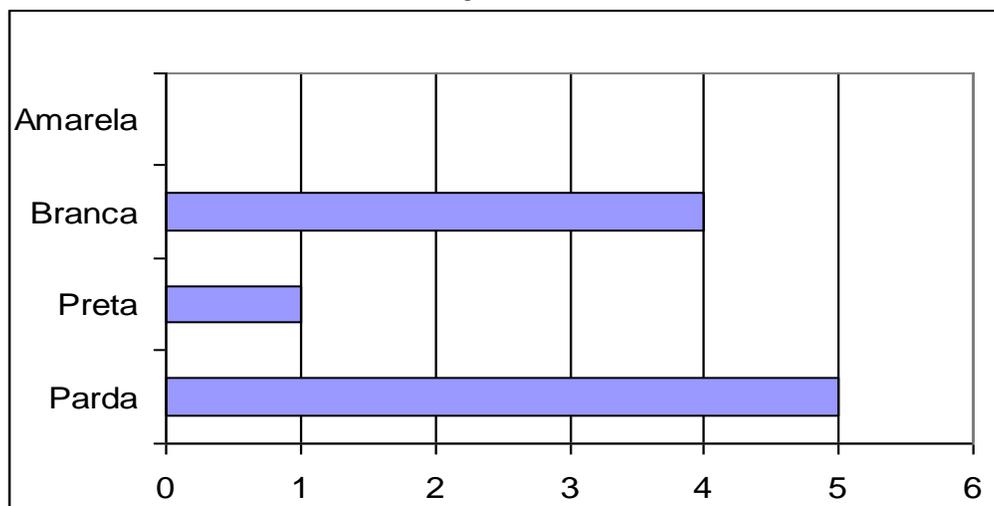
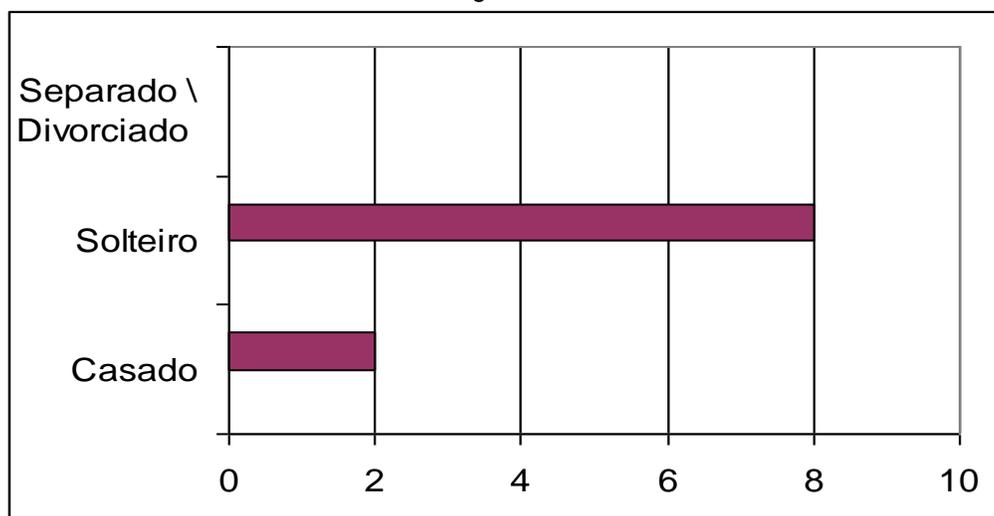


Gráfico 2- Número de entrevistados segundo estado civil



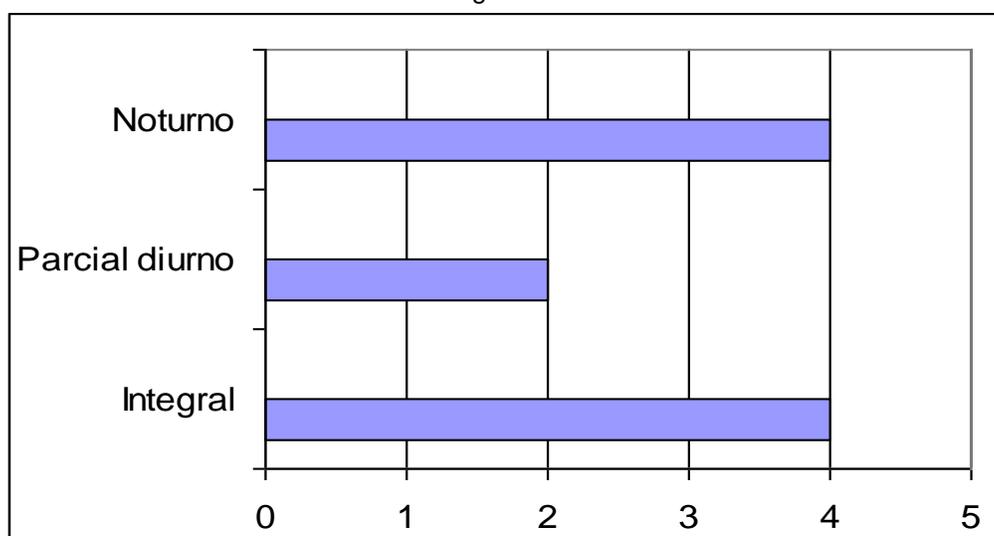
Os alunos, em sua maioria, são oriundos do ensino médio público, tendo apenas 1 dos entrevistados estudado em instituição privada, com bolsa. Dos 9 alunos que fizeram o ensino médio em escolas da rede pública, 4 vieram de escolas técnicas federais ou estaduais.

Quando ingressaram na universidade, 8 alunos estavam na faixa etária de 18 a 24 anos. Dos nove alunos que cursaram pré-vestibular, apenas 1 cursou em instituição particular com bolsa, os demais fizeram vestibular comunitário. Os pré-vestibulares

eram localizados próximos à residência, em bairros da Baixada Fluminense, Centro e subúrbios da cidade do Rio de Janeiro e Niterói. Dentre os entrevistados, 2 declararam residir em favelas.

Em relação ao vestibular, 5 dos entrevistados passaram no seu primeiro concurso. Os cursos escolhidos foram: Pedagogia, Física, Serviço Social, Ciências Econômicas, Arquitetura e Urbanismo, Nutrição, Letras, Licenciatura em Química, Ciências Biológicas e Ciências Contábeis. O horário dos cursos está distribuído conforme tabela

Gráfico 3- Número de entrevistados segundo o turno do curso



O fato dos cursos serem, em sua maioria, em tempo integral ou parcial diurno, dificulta a inserção no mercado de trabalho e acaba fazendo com que os alunos tenham nas bolsas de assistência estudantil a única alternativa para custear suas despesas. Entretanto, em relação aos alunos que frequentam cursos noturnos, existe o entendimento de que é bastante difícil conciliar um trabalho em tempo integral e o curso de graduação e afirmam que o aproveitamento acadêmico fica visivelmente prejudicado. Apenas 2 dos alunos dos cursos noturnos tem emprego formal e relataram que a situação socioeconômica de suas famílias não os permite dedicarem-se, exclusivamente, ao curso.

A renda familiar dos alunos entrevistados mantém um patamar próximo ao observado para os demais bolsistas de assistência estudantil, de 1 a 5 salários mínimos. Em geral os provedores da família são os pais e somente 1 dos entrevistados tem um dos pais com ensino superior completo.

6.3 A Trajetória

A trajetória dos estudantes que participaram da entrevistas teve como ponto de partida a escolha do curso. Essa escolha em geral é permeada por muitas dúvidas e muitas vezes é marcada não só pela afinidade e o desejo mas pelas possibilidades que o curso oferece, em especial no que se refere a melhores oportunidades para inserção no mercado de trabalho. Alguns depoimentos apontam as questões que permearam essas escolhas:

[...] comecei a fazer Matemática aqui na UFRJ mesmo. Só que Matemática pra receber salário de professor e pra ver aquilo tudo... Não tinha como. Era muito difícil. Era complicadíssima a matéria. Aí eu falei: realmente não tem como fazer Matemática pra receber salário de professor. Eu vou fazer Economia que eu me identifiquei, e que eu vou ganhar muito mais. É uma mobilidade social mesmo. Foi opção financeira e foi opção de me identificar com o curso ... O útil e o agradável.

Não foi a primeira opção. Eu tinha escolhido História, Geografia... Mas assim, não tinha uma profissão que eu queria muito fazer. Não tinha um foco. Então, eu li o que era o Serviço Social, me interessei e coloquei como opção.

[...] em 2008 eu passei pra Engenharia na UFF e pra Física aqui na UFRJ. Eu fiquei na maior dúvida, assim... Mas eu acabei preferindo a Física porque... Eu achei que seria mais fácil mudar... Caso a situação apertasse muito financeiramente... Seria mais fácil eu mudar da Física pra Engenharia do que da Engenharia pra Física. Já que a Física não aceita todas as matérias da Engenharia, né?

A colocação no mercado de trabalho tem um peso considerável para a escolha das profissões e, em especial para os jovens que vem de uma classe menos

favorecida, significa a possibilidade de mobilidade social. Contudo, a maioria dos entrevistados afirma ter feito escolhas motivadas pela afinidade com os cursos.

[...] consegui passar pa Pedagogia mesmo, que era o curso que eu queria. Eu já tinha vontade de ser professora. Entrei no segundo grau normal, só que eu não consegui levar adiante... Porque a escola normal é muito cara, mesmo pública.

Eu não tenho certeza de como eu cheguei a essa conclusão porque desde o fundamental eu já dizia 'quero ser biólogo, quero ser biólogo', e mantive a idéia até o ensino médio. Minha mãe disse que ficou surpresa de eu não querer mudar de opinião.

Eu sempre gostei muito de alimento, e aí... Fazendo pesquisa... Porque antes de fazer o vestibular eu entrei no site da UFRJ, vi todos os cursos que tinha... ... Aí entre os cursos que eu me identifiquei mais com Nutrição.

Eu queria trabalhar com alguma coisa que tivesse relacionado com Física e Matemática pelo fato de eu gostar... E gostaria de trabalhar na área de pesquisa mesmo.

Ingressar no ensino superior público muitas vezes é um sonho considerado como inalcançável para muitos alunos que vem das camadas populares e impensável para muitos de seus familiares. A maioria dos pais desses alunos tem uma baixa escolaridade e uma renda proveniente, muitas vezes, de trabalhos informais. A maioria dos entrevistados são os primeiros de suas famílias a concluir um curso superior.

Eu sou a primeira da minha família inteira a entrar na universidade. Aliás, eu fui a primeira da minha família a concluir o ensino médio. Minha mãe, na verdade, concluiu depois de mim. Contando com primos... Da família mesmo eu sou a primeira.

Minha família é bem grande. Tenho um monte de primos. Tem outros também, tem um bocado de gente. Mas da geração da minha mãe, dos meus pais, ninguém é formado. Só os filhos mesmo... Meus primos e eu.

Esses depoimentos ainda evidenciam que a educação superior atende a determinados grupos sociais e que, para os demais, é uma realidade quase impossível de ser concretizada.

Quando perguntados sobre as razões de terem escolhido a UFRJ, os depoimentos foram diversos, porém o fato da instituição ser reconhecida pela

excelência de seus cursos foi um fator ressaltado pela maioria dos entrevistados. A universidade é alvo do desejo da maioria dos estudantes que a vêem como indicativo de status e sucesso futuro.

[...] eu fiz uma pesquisa na internet sobre quais seriam as melhores universidades e tal... E a UFRJ era a mais bem cotada. Então mesmo com essa distância, eu preferi...

Eu tentei pra todos. Eu passei pra UFRJ... Mas eu sempre quis a UFRJ. Meu foco, independente do curso, que eu não sabia exatamente o que eu queria seguir, era a UFRJ.

Em geral, conforme apontaram os depoimentos, a aprovação no vestibular de uma universidade pública é muito comemorado até porque, no imaginário dessas famílias, é a possibilidade de ascensão social. Esse estudante passa a ser visto por familiares e pela comunidade como um verdadeiro vencedor e passam a ser referências para esses.

Então foi uma festa na família. Dois filhos passarem no vestibular pra universidade pública... Foi o máximo. Aí minha filha 'ih, mãe, você é boba' e eu falei: 'Minha filha, você não sabe o que é passar pra uma universidade pública'...

Com a aprovação no vestibular, algumas preocupações surgem. A maioria dos alunos tem consciência da dificuldade que irão enfrentar para se manterem na universidade. Essa preocupação passa, em especial, pela questão econômica. As despesas com transporte e material didático são apontadas pela maioria como os principais entraves à sua permanência na universidade.

Aí vem um pouco daquela preocupação... Como é que vai conseguir pagar pra ficar, porque não é só... Por mais que seja pública, não é só o custo da mensalidade.

Eu era preocupado com locomoção. Por que... Tanto que até quando eu comecei ficava colocando uniforme do colégio ainda, usando rio card pra não pagar passagem, pra pegar ônibus... A viagem era intermunicipal e não tinha bilhete único. Aí fiquei um bom tempo assim..

Não tem como você não enfrentar dificuldade sendo pobre, ainda mais na faculdade. Com uma bolsa de 360 reais não dá pra você fazer nada.

Além do aspecto econômico, a vida acadêmica desses alunos é permeada por outras dificuldades para além das questões financeiras. Em sua trajetória, esses estudantes precisam superar obstáculos ainda mais complexos, pois há necessidade de inserção em práticas correntes da universidade que são, muitas vezes, desconhecidas por eles. Além disso, necessitam absorver padrões culturais, socialmente valorizados, mas que não são parte de seu contexto sociofamiliar. Decifrar todos esses códigos traz muitas inseguranças e este dado é claramente identificado nos relatos.

Dificuldade de acompanhar matéria... Eu tenho essa dificuldade assim... Porque é muita coisa pra você ler e tal. Mas dificuldade de entender o que o professor diz... Eu tive essa dificuldade sim. Na sala de aula...

Porque os professores pediam uma resenha... Eu não sabia nem o que era resenha. Aí eu fiz um trabalho... Eu fiz aquilo que eu achava que era. Aí ela me devolveu o trabalho 'refazer'. Eu pensei assim 'Meu Deus, refazer o que? O que tá errado?'. Assim, no início pra mim foi... E eu tinha vergonha de perguntar. Eu me sentia diminuída o tempo inteiro...[...]

Talvez não ter nenhum parente formado na minha família pra me ajudar com os estudos também me atrapalha. Se tivesse alguém formado engenheiro, algum matemático talvez me ajudaria. Sendo que eu tenho que fazer isso tudo sozinho, e não tenho como pedir ajuda de ninguém...

É importante pontuar que, apesar de alguns dos alunos entrevistados estarem em cursos onde são os únicos alunos que recebem uma bolsa de assistência estudantil, não houve relatos em relação a uma discriminação direta, por parte dos demais colegas de turma.

Em relação a isso foi tudo tranquilo. Eu acho que as pessoas que fazem Biologia tem a cabeça muito aberta, todo mundo... Eu não vejo ninguém preocupado com isso, muito preocupado com isso lá não.

Uma das minhas melhores amigas aqui da sala ela mora em São Conrado, viaja pra Europa, sabe? E não tem o menor problema.

Eu encontrei pessoas do mesmo nível social que eu, com as mesmas dificuldades que eu...

As pessoas que eu conheci, na turma inicial, a maioria delas morava em alguma comunidade ou algum muquifo... Eu nunca tive problema de discriminação, de... Acho que tem aquelas pessoas que você sente mais afinidade.

Embora não tenha havido relatos de qualquer tipo de discriminação vindo de colegas ou professores, existe uma outra forma de discriminação, não explícita, que impõe a esses alunos várias limitações. A constante comparação entre o mundo em que vivem e uma outra realidade, desvendada a partir do ingresso na universidade, produz um sentimento de estranhamento e não pertencimento que perdura ao longo da vida acadêmica, a despeito dos novos conhecimentos adquiridos ou das vivências experienciadas.

Até hoje quando eu entro aqui... Todo dia quando eu entro aqui eu tenho essa concepção de que o lugar não é pra mim. Ainda tenho isso muito claro na minha mente. Eu venho pra cá, eu me sinto muito bem aqui, mas é muito diferente da minha realidade. Parece assim... Eu vivo em dois mundos. É tão diferente, é tão desigual a realidade... Que eu ainda tenho isso muito claro na minha mente.

Todo mundo sabe que eu moro na Maré. No início eu tinha uma coisa assim... não vou dizer para ninguém... Aqui não é meu mundo. Depois, você cria laços. [...] Existem pessoas aqui que você percebe que não são do seu nível, mas assim... um vai respeitando o limite do outro...

Chegando aqui que eu vi. Agora... Depois de um tempo eu vi. Antes de pensar eu não pensei... No início assim... você vê a Arquitetura em geral, né? Os congressos de Arquitetura são os mais caros que tem. Eu tô no oitavo período e não fui em nenhum congresso... Porque não dá.

A gente é limitado pela educação que a gente teve no ensino fundamental que é ruim. É limitado pelo ambiente que a gente vive que é ruim... E é isso. O lugar onde a gente vive só atrapalha.

Ainda que esses estudantes tenham conseguido transpor os obstáculos de acesso de uma universidade pública, lidam, cotidianamente, com os mecanismos excludentes que historicamente caracterizam a educação superior.

Vão passando os anos, e você vai começando a perceber que o mundo não é só aquilo que você viveu antes,. O ensino médio tem aquela barreira de proteção... Os pais formam aquela barreira, e na universidade eles não alcançam mais. Então você fica livre. Você entra na universidade... E eu sou responsável pelo que eu faço, sabe?

Mudou minha concepção de várias coisas mesmo. Sobre a realidade, sobre a sociedade... Coisas que eu dizia antes e eu vejo de uma forma diferente hoje. Coisas que eu ouço outras pessoas falando e que doem assim... Me incomodam ouvir. A

faculdade de Serviço Social foi um choque pra mim. Um choque de valores que eu tinha... Alguns mudaram e alguns permanecem.

Mesmo que... O cara que tenha mais dinheiro que você, seja mais filhinho de papai, tenha oportunidade de ir num curso pré-vestibular e você não tem... Mas você vai tendo contato, e você... Poxa, quero isso também. Você passa a ter contato com pessoas que tem um pouco mais de cultura. Tem um pouco mais não. Tem mais cultura, né?

Em meio a tantos sentimentos contraditórios, os relatos demonstram que é consenso que o ingresso na universidade possibilitou uma nova visão de mundo, ampliação de fronteiras, novas perspectivas e experiências.

Com todas as dificuldades que permeiam a trajetória desses alunos as experiências são consideradas como positivas pela maioria dos estudantes.

6.4 **A Contribuição da Bolsa**

Não temos dúvidas de que as bolsas de assistência estudantil, para o aluno desfavorecido economicamente, é muitas vezes a única alternativa para a conclusão de um curso superior.

Embora as necessidades desses alunos estejam além do alcance de uma bolsa, os relatos apontam que esta é muito importante.

Primeiro porque eu pude... não ter que ter um trabalho. Coisa que pra mim não teria condições nenhuma, né? Além da iniciação científica, mas assim... além da iniciação não teria como eu ter um outro trabalho e fazer Física.

Foi essencial... porque eu acho que... não sei como eu faria. Acho que eu teria que me virar muito mais pra manter a faculdade. Ainda mais no começo.

Ela auxiliou... o fundamental... pra tirar xerox, se tem algum projeto cultural que não dá pra fazer. Auxiliou também no estágio, auxilia na impressão de trabalho... essas coisas. Xerox, compra do livro também. Você até consegue também separar uma parte do dinheiro pro livro.

Aí eu uso o dinheiro pra pagar passagem, tirar cópia de texto, quando professor pede um livro eu tenho como comprar um livro, e pagar a internet.

É também um consenso entre os entrevistados que, caso não tivessem sido selecionados não estariam concluindo a graduação pois certamente teriam de trabalhar ou, no caso dos alunos de curso integral, fazer uma outra escolha de curso que possibilitasse ter um trabalho.

eu ia ter que trabalhar efetivamente.

talvez se eu não tivesse a bolsa, eu teria que trancar um período pra conseguir um trabalho, tentar de alguma forma... Depois voltar. Ainda mais pra gente...

Eu acho que eu teria que ter arrumado um trabalho. Se eu estiver trabalhando, eu não tenho tempo pra estudar...

Eu ia ter que dar um jeito de arrumar algum trabalho, alguma coisa pra poder vir... Porque realmente ia ficar complicado

Entretanto, enquanto ação afirmativa de permanência, está longe de promover a igualdade de oportunidades e o acesso ampliado ao direito a uma educação com qualidade. Isso talvez seja verificado de forma mais intensa em cursos onde as qualificações extracurriculares sejam mais exigidas. Se um aluno de uma classe social menos favorecida consegue transpor as barreiras de acesso e chegar a um curso frequentado por estudantes de classes mais altas, sente de forma contundente a força de em sistema educacional excludente e elitizado. Esse dado talvez possa ser relacionado à “seletividade social na escolha de cursos” já que, conforme apontado em capítulo anterior, “certos cursos têm seu público formado essencialmente por estudantes oriundos de escolas públicas, enquanto em outros ocorre situação inversa”.(Zago, 2006).

Esse elitismo latente fica bastante claro no relato de um dos estudantes:

A bolsa tá completamente fora da realidade do aluno... O aluno carente também. Apesar de te entrado numa faculdade pública de qualidade, o aluno que é carente ele entra com uma defasagem muito grande. Porque geralmente meus colegas que fazem

Economia comigo... Eles já sabem inglês, já foram pros Estados Unidos, já foram pra Europa... Tem dinheiro pra pagar um curso qualquer que seja. Não tem preocupação quase nenhuma assim... E tipo assim, o requisito geralmente das empresas pra estudante de Economia, pra estudante de Engenharia, Administração... É ter inglês fluente. Como é que eu vou ter inglês fluente? Meu pai nunca teve dinheiro pra pagar um curso pra mim. ... Preciso de curso de informática. Como é que eu ia fazer curso de informática sem dinheiro? Não tem como. Não tenho como me qualificar...

Além de todas as dificuldades enfrentadas na rotina acadêmica esses estudantes ainda vivenciam as dificuldades no cotidiano familiar, especialmente no que diz respeito à carência de recursos de suas famílias. Embora nos relatos apresentados a utilização da bolsa seja, prioritariamente, para as despesas com a universidade, em algumas situações esta é utilizada para suprir outras necessidades.

... É lógico que eu compro um remédio se precisar. Se eu não tenho dinheiro de casa, e eu tenho dinheiro da bolsa eu uso. Mas assim, não dá muita coisa pra fazer, entendeu? Se eu abrir mão desse dinheiro, eu vou ter que tirar depois de volta, porque eu tenho que vir pra cá todos os dias...

a gente já usou já pra pagar conta e... Fazer mercado, essas coisas.

E quando posso eu ajudo em casa também.

No caso dos alunos entrevistados a utilização da bolsa com outras finalidades não trouxe prejuízo ao desempenho acadêmico, pois todos têm coeficiente de rendimento muito bom e igual índice de aprovação em disciplinas. Cabe registrar que os dados acadêmicos só foram conhecidos, após a realização das entrevistas.